

**Valor**
ECONÔMICO

Veículo

Tipo: Impresso/Internet

Editoria: Suplemento infraestrutura e logística

Data: 27.04.2020

Link: <https://www.valor.com.br/revistas/#/edition/183725?page=60§ion=1>

SEM CLIMA PARA LEILÕES

Combinação de guerra de preços com pandemia esfria os investimento, mas Brasil tem produção para esperar até as coisas se acomodarem

Por Simone Goldberg

O setor de petróleo no Brasil viverá em 2020 um ano desafiador, sem rodadas de licitação e com as petroleiras cortando custos. A queda da atividade econômica, desencadeada pela pandemia da Covid-19, agravada com a guerra de preços entre dois gigantes produtores de petróleo, Arábia Saudita e Rússia, que chegou a derrubar a cotação do barril para a casa dos US\$ 20, freou investimentos e fez as empresas repensarem seus planos e estratégias.

Em meio a este cenário de incertezas sociais e econômicas, a Agência Nacional do Petróleo (ANP) suspendeu, no começo de abril, o único leilão que ainda estava confirmado para o ano: a 17ª Rodada de Licitação, que ocorreria no fim de novembro. Agora, o mercado terá de aguardar o Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) definir um novo cronograma para a licitação.

Havia uma expectativa de que as ofertas de pré-sal, inicialmente planejadas para 2020, ainda pudessem acontecer, mas os acontecimentos do início do ano – pandemia e guerra de preços de petróleo, com o barril mergulhando a cotações muito baixas – reverteram o quadro. A sétima



rodada de partilha do pré-sal consta no portal Energia e Mineração ProBrasil do Ministério de Minas e Energia (MME), em fase de estudos e previsto para o primeiro trimestre de 2021.

A venda dos excedentes dos blocos de Atapu e Sépia, que não receberam ofertas no megaleilão do excedente da cessão onerosa realizado em novembro passado, era a outra licitação aguardada. Mas também ficará para 2021, segundo fontes do mercado, já que há conversas no governo sobre mudanças na modelagem, incluindo compensações à Petrobras.

Estudiosos do setor lembram que tramita no Congresso Nacional lei que prevê a retirada do direito de preferência da Petrobras em blocos do pré-sal e a possibilidade de adotar o modelo de concessão, em vez do de partilha, nessas áreas. Vários integrantes do governo e da indústria já demonstraram interesse em esperar a aprovação das mudanças.

“Temos dois fatos afetando o setor de petróleo: a crise do novo coronavírus e a questão preço”, afirma o analista de óleo e gás da consultoria Tendências, Walter de Vitto. Para ele, vender ativos nesse momento não é razoável, “é melhor esperar o mercado se acomodar, ver qual vai ser o novo normal do mercado de petróleo e aí, sob condições de estabilização, fazer o leilão.”

Para alavancar a produção, Vitto diz que o Brasil não precisa dos leilões inicialmente planejados para 2020. Isso porque o volume de áreas concedidas desde o governo Dilma, somadas às arrematadas nos leilões que vieram depois, já nos governos Temer e Bolsonaro, é suficiente para garantir uma curva forte de alta na atividade. Mas pondera: isso se os preços do barril garantirem retorno aos investimentos.

No fim de março, o Bank of America Global Research baixou suas projeções de preços para 2020: US\$ 37 dólares por barril para o Brent e US\$ 32 para o petróleo nos Estados Unidos (WII). Segundo a pesquisa, deve haver algum acordo entre a Rússia e a Arábia Saudita antes do fim do primeiro semestre, já que ambos teriam poucas vantagens forçando a cotação para menos de US\$ 30.

Eles estavam certos. No início da segunda semana de abril, países produtores integrantes da Opep e aliados, como a Rússia, acertaram um acordo de redução de produção. Em números, vão cortar 9,7 milhões de barris diários em maio e em junho. Em termos proporcionais, o corte equivale a mais ou menos 10% da oferta global.



Sonda Brava
Star, contratada
pela Shell,
perfura poço na
bacia de Santos

No mercado, há incertezas sobre os efeitos do corte para segurar a cotação, diante da retração da demanda provocada pela pandemia. Especialistas de bancos, como o Goldman Sachs, por exemplo, preveem que os preços do barril continuarão em queda nas próximas semanas.

Há ainda dúvidas se os países cumprirão o combinado. A Saudi Aramco, por exemplo, estatal saudita, reduziu, no dia 13 de abril, seus preços, apesar de participar do acordo de redução de oferta.

Dados da consultoria Wood Mackenzie indicam que os gastos globais na atividade de exploração e produção em 2020 podem despencar 25%, com o barril tendendo a cair abaixo de US\$ 30, e novos projetos de fôlego devem ser suspensos. Analistas avaliam que a pandemia do novo coronavírus deve provocar um tombo de cerca de 20% na demanda global por combustíveis.

A FGV Energia, Centro de Estudos de Energia da Fundação Getúlio Vargas, avaliou o cenário atual de petróleo e acredita que, com o barril na faixa dos US\$ 30, a maioria dos campos já em produção não será impedida. Segundo o Centro, as supermajors de petróleo, incluindo Exxon e Shell, têm custos de produção inferiores a US\$ 15 o barril, antes dos impostos.

Isso sugere que não haverá pressa em interromper os fluxos produtivos, inclusive no Brasil. Assim, mesmo que o preço do Brent venha a cair abaixo do custo de extração dessas empresas, as

CLIPPING



despesas de paralisação de operação de campos fazem com que seja mais econômico mantê-los funcionando, esperando que os preços se recuperem.

Isso porque o custo de reiniciar a produção mais tarde pode ser proibitivamente alto. Para efeito de comparação, os custos de produção na Arábia Saudita e na Rússia são muito menores dos registrados pelas outras grandes petroleiras: a Saudi Aramco, produtora monopolista de petróleo na Arábia Saudita, gasta cerca de US\$ 2,80 por barril e as russas Rosneft, Gazprom e Lukoil, menos de US\$ 4 por barril.

Para Marcus D'Elia, sócio-diretor da Leggio Consultoria, especializada em óleo e gás e em empresas, devem retardar investimentos enquanto a instabilidade do mercado perdurar. "Quem já adquiriu blocos nos leilões de 2019 e campos maduros também deve diluir alguns investimentos para aguardar o desfecho da crise e calibrar seus planos de acordo com o novo cenário", diz.

As incertezas obrigam as petroleiras a mudar os planos. A Petrobras anunciou a redução dos investimentos programados para 2020, de US\$ 12 bilhões para US\$ 8,5 bilhões. Também haverá a redução dos gastos operacionais em US\$ 2 bilhões, dos quais cerca de R\$ 700 milhões virão de cortes em despesas com pessoal. A empresa anunciou em abril a redução de 200 mil barris por dia na produção.

Para definição dos campos cuja produção será diminuída, serão levadas em consideração condições mercadológicas e operacionais. Em teleconferência com analistas, no fim de março, o presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, disse que a empresa se prepara para suportar uma cotação abaixo de US\$ 25 por barril. As medidas adotadas não devem afetar os planos de investimento para 2021.

De acordo com o plano estratégico 2020-2024, os investimentos para o período somam US\$ 75,7 bilhões, dos quais a maior parte – US\$ 64,3 bilhões – em exploração e produção concentrada no pré-sal, que continua o principal foco da Petrobras.

A princípio, o plano está mantido. A meta de produção prevista para este ano é de 2,7 milhões de barris de óleo equivalente (boe) por dia, mesmo valor de 2019, mas deve ser afetada pelos cortes. Pelo Plano Estratégico, o objetivo é chegar em 3,5 milhões de barris em 2024.



O plano também prevê a entrada em operação de 13 novas plataformas entre 2020 e 2024 e investimentos de US\$ 20 bilhões na bacia de Campos, com expectativa de produzir um milhão de barris até o fim desse prazo.

Já a francesa Total, que anunciou, no começo de março, em entrevista ao Valor, a intenção de investir entre US\$ 600 milhões e US\$ 700 milhões por ano em exploração e produção (E&P) de óleo e gás no Brasil nos próximos cinco anos, pisou no freio em termos globais. Divulgou, em 23 de março, que reduziu em mais de 20% - o equivalente a US\$ 3 bilhões - seus investimentos programados para 2020, somando uma cifra abaixo de US\$ 15 bilhões.

Outra medida adotada para enfrentar os efeitos da crise do coronavírus sobre a economia global foi a determinação para se obter uma economia de R\$ 800 milhões em custos operacionais neste ano, em relação a 2019. A empresa não esclarece se os cortes afetam as operações no Brasil.

Da lista de projetos em curso por aqui, a francesa deposita forte expectativa no bloco C-M-541, do qual é operadora, participando com 40%. Os demais sócios são a Qatar Petroleum, com o mesmo percentual, e a asiática Petronas, que detém os restantes 20%. O programa de investimentos anunciado para o Brasil prevê a perfuração de dois poços: um no fim de 2020 e o segundo em 2021.

Outra multinacional com forte atuação no mercado brasileiro, a anglo-holandesa Shell, também divulgou, na última semana de março, cortes de US\$ 5 bilhões em seus investimentos. Em 2019, a petroleira atingiu uma média de produção diária superior a 400 mil barris por dia no Brasil.

A empresa informa que a revisão e ajustes no portfólio e nos planos de investimentos é uma atividade natural para a empresa e para outras multinacionais de energia. E que diferentes fatores influenciam a tomada de decisão, não apenas os momentos de retração do mercado.

A Shell avalia que essa combinação de brusca redução na demanda e um crescimento rápido na oferta é inédita. Mas pontua que a companhia já enfrentou outros momentos de forte volatilidade de mercado no passado e que o setor de energia tem um horizonte de longo prazo.

A multinacional destaca que investimentos estão sendo feitos em blocos ainda em fase de exploração no Brasil. A sonda Brava Star, contratada pela Shell Brasil e operada pela Constellation, começou em outubro do ano passado a perfuração de um poço no bloco de Alto de Cabo Frio Oeste, na bacia de Santos. O bloco tem a Shell como operadora (55%) e as parceiras CNOOC (20%) e QPI (25%). A petroleiras prevê ainda a perfuração de um poço em Saturno, também no



pré-sal da bacia de Santos, do qual tem 45%, em parceria com a Chevron (45%) e a Ecopetrol (10%).

Apesar dos percalços da situação mundial, o país é visto como atrativo aos investidores, segundo aponta o sócio de energia e recursos naturais da KPMG, Anderson Dutra. Mas, segundo ele, o fator determinante para atrair o investidor estrangeiro é permitir um contrato diferente do modelo de partilha.

Para Dutra, a Petrobras ter direito de preferência ou deixar de tê-lo não é um tema que incomode tanto. "Até porque as grandes empresas hoje são parceiras da Petrobras, gostam de trabalhar com a Petrobras e entendem que ela tem uma vantagem competitiva muito grande em relação às operações em águas ultraprofundas", observa.

Para Flávio Menezes, líder da consultoria Bip Brasil, decisões de investimento na indústria de petróleo sempre levam em consideração todo o horizonte de produção, de 15 a 20 anos, e possuem estudos de projeção com variações do câmbio no longo prazo. Ele aposta num setor de petróleo enfraquecido em 2020, mas, a seu ver, investimentos e empreendimentos já em execução não devem ser abandonados.